
O uso da canção popular na experiência filosófica em sala de aula

José Edson da Silva Diniz

Licenciado em Filosofia – UniFAI.

Graduando em Licenciatura Plena em Educação Musical – UFSCar.

Professor de Filosofia na rede estadual de ensino de São Paulo.

Instrutor de Música no Colégio Espanhol Miguel de Cervantes.

São Paulo – SP [Brasil]

professoredsondiniz@gmail.com

A volta da Filosofia como disciplina obrigatória aos currículos escolares do Ensino Médio gerou uma discussão cada vez mais intensa sobre o que e como ensinar essa matéria na Educação Básica. A escassez de materiais didáticos e a dificuldade que a Academia tem de aproximar-se do público externo, em especial dos jovens estudantes, são apenas alguns dos obstáculos a serem enfrentados pelos professores. Este trabalho tem por objetivo sondar as possibilidades e implicações do uso de canções do repertório popular brasileiro como ferramentas auxiliares para o ensino de Filosofia. Para isso, recorreremos à contribuição de diversos educadores nesse assunto, em especial os que desenvolveram o processo de “experiência filosófica em sala de aula”. Nessa abordagem, apresentamos algumas propostas concretas de utilização de canções como ponto de partida para a experiência do filosofar em sala de aula. A canção popular, utilizada como recurso de sensibilização “preparatória” para a experiência filosófica, tem um grande potencial de aproximação com questões filosóficas presentes no cotidiano de seus ouvintes. O professor, atento a essas questões, poderá desenvolver o processo ensino-aprendizagem de uma forma lúdica, agradável e prazerosa para os educandos.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino Médio. Música popular brasileira.

1 Introdução

Pressupostos teóricos para a experiência filosófica

1.1 A educação e a filosofia

No seu texto *Considerações em torno do ato de estudar*, Paulo Freire diz que “[...] toda bibliografia deve refletir uma intenção fundamental de quem a elabora: a de atender ou a de despertar o desejo de aprofundar conhecimentos naqueles ou naquelas a quem é proposta” (FREIRE, 2006, p. 9). Com isso, ele deixa entrever dois aspectos da intencionalidade do professor no processo ensino-aprendizagem: um deles é aquilo que o educador considera fundamental para a formação do educando, a partir de um paradigma elaborado por ele próprio ou coletivamente. O outro refere-se aos anseios de cada educando, aquilo que cada um deles considera essencial para a própria formação, mediante a qual deverão afirmar-se na sociedade a que pertencem.

Na sua *Pedagogia da autonomia*, ele complementa a nossa reflexão ao afirmar que “[...] a necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas.” (FREIRE, 1996, p. 32). Não se deve, pois, abrir mão de pautarmos nossas escolhas pelos aspectos éticos e estéticos. Em outros termos, não basta que sejam corretos, o ensinar e o aprender devem ser belos tanto para o educador quanto para os educandos. Antônio Joaquim Severino, por sua vez, entende que

[...] para inserir-se no mundo da cultura contemporânea, ao qual estarão sendo iniciados no ensino médio, os adolescentes precisam se dar conta do significado de sua existência histórica,

do significado de sua paulatina inserção no mundo do trabalho, da sociabilidade e da cultura simbólica. Cabe aos componentes filosóficos ensinar um processo de análise, de reflexão e de discussão, mediante o qual eles possam lidar de maneira adequada com a própria subjetividade no enfrentamento com a objetividade das condições circunstanciais de suas vidas concretas. Só assim eles poderão ser ajudados na sua autoconstrução, como sujeitos pessoais autônomos, cidadãos membros de uma sociedade histórica. (SEVERINO, 2002).

Com isso, ele nos mostra aspectos relevantes do ensino de Filosofia, enquanto auxiliar na formação de indivíduos autônomos e situados historicamente, capazes de interagir adequadamente com as exigências do mundo contemporâneo. Isso se dará na medida em que cada educando puder descobrir, com o auxílio dos componentes filosóficos, o significado de sua existência e de seu papel no trabalho, na sociedade e na cultura em que está inserido.

Considerando que devemos conciliar a escolha do educador, do ponto de vista metodológico e/ou de conteúdo a ser ministrado, com as necessidades e os anseios dos educandos, que precisam inserir-se em uma sociedade cada vez mais complexa e dinâmica, a partir do que está previsto na legislação educacional e nos parâmetros curriculares para o ensino de Filosofia, nos perguntamos como poderemos realizar um processo ensino-aprendizagem que nos permita atingir todas essas demandas. Aspis diz que

[...] o justo seria educar, hoje, para que o aluno seja outro e não um mesmo,

um mesmo que qualquer modelo. Ou seja, que ele seja ele. O justo é educar para oferecer condições para o educando conquistar pensamento autônomo. [...] Esse pensamento não se permite tornar-se ação baseada nos critérios da indústria. Ele não se permite o preconceito, não se permite coisificar. É, de alguma forma, uma ferramenta de libertar-se [...]. Libertar-se das opiniões, das obrigações, da preguiça e do medo. (ASPIS, 2004, p. 309).

O educando, ao ser educado para ser “outro”, torna-se senhor da própria história, autor de si mesmo e não cópia de modelos impostos pela indústria cultural com o aval da sociedade. Quando o processo ensino-aprendizagem é bem conduzido a seu termo, o educando torna-se um indivíduo livre das opiniões alheias, das obrigações do cotidiano, da própria preguiça e do medo de ser ele mesmo. O ensino de Filosofia deve ser uma experiência do filosofar, que permita ao educando apropriar-se dos componentes filosóficos, reativando-os e, assim, produzindo filosofia.

O filosofar é uma disciplina no pensamento que, ao ser operada, vai produzindo filosofia e a filosofia é a própria matéria que gera o filosofar. São indissociáveis. A matéria Filosofia separada do ato de filosofar é matéria morta, recheio de livro de estante. Para ser Filosofia ela tem que ser reativada, reoperada, assim reaparecendo a cada vez. Como a malha tricotada que só aparece se houver o ato de tricotar. O leigo desavisado não vê o tricotar da malha e não saberia refazer seu caminho. A tricoteira sabe cada passo dos pontos e ao ver o tricô pode ver o tricotar, pode, a partir do tricô, reativar o tricotar que vai produzi-lo e assim sucessivamente.

O movimento da razão a que chamamos filosofar se dá por intermédio de conceitos filosóficos e esses só são criados e recriados por meio do filosofar. Não há como ficar com uma coisa e dispensar a outra já que não são duas coisas, e sim uma só. Não há dilema entre filosofia e filosofar. Filosofia é filosofar e filosofar é filosofia. (ASPIS, 2004, p. 308).

Para Aspís, o ensino de Filosofia não deve ser dissociado da ação do filosofar, visto que ambas são uma coisa só, ou seja, indissociáveis. Separada do filosofar, a Filosofia é “matéria morta”, perdendo a sua eficácia. Ensinar Filosofia, nesse caso, é reativar o movimento da razão, que “se dá por intermédio de conceitos filosóficos” somente presentes no ato de filosofar, que tem um caminho próprio e que, uma vez conhecido, permite-se a revisão a todo instante, num movimento de constante aperfeiçoamento. Para John Dewey,

Já houve um tempo em que o problema da relação entre a indústria e a educação era formulado da seguinte maneira: o que a escola fará pela indústria? Mas hoje a pergunta deve ser formulada exatamente ao contrário: o que a indústria pode fazer pela escola? Ou melhor: o que ela pode fazer com a escola? (...) Se é para ter algum resultado, a não ser um conformismo cego e reprodução passiva, deve-se começar por encarar o domínio da indústria na vida moderna, com tudo o que isso importa. A questão, no que diz respeito à educação, é como a escola pode proteger o bem e evitar o mal dessa supremacia; como deve selecionar e perpetuar o que nela há de significativo e valioso para a vida humana,

devendo rejeitar e expulsar o que é degradante e escravizante. (DEWEY, apud BARBOSA, 2001, p. 23).

Deve-se, pois, evitar que as influências da indústria na educação limitem a ação do educando na sua busca legítima pela autonomia e pelo conhecimento de si e do mundo que o cerca. Para tanto, há que se defender aquilo que permite a cada indivíduo atribuir significado ao mundo e interagir com ele, não em uma relação de reprodução de saberes adquiridos, mas de transformação criativa da realidade. Isso somente se realiza na medida em que se afastam os elementos que escravizam e degradam a vida humana, valorizando o que lhe é valioso e significativo.

1.2 A experiência filosófica

Neste tópico, trataremos dos resultados da investigação que vem sendo desenvolvida por Sílvio Gallo, Renata Aspis, e Celso Favaretto no campo do ensino de Filosofia, especificamente no nível Médio. Cientes das dificuldades de implantação do ensino de Filosofia nas escolas brasileiras de Ensino Médio, eles desenvolveram uma abordagem educativa cujo objetivo é iniciar os educandos na especulação filosófica, a partir da própria experiência do filosofar, investigando questões relevantes e tendo como pontos de partida as situações próprias do universo cultural dos educandos. Para esses pesquisadores, filosofia e filosofar são atividades indissociáveis, visto que são a mesma e uma só coisa. A essa abordagem eles dão o nome de “experiência filosófica”.

A experiência filosófica é um processo educativo que consiste em quatro etapas consecutivas, partindo sempre de questões relevantes do universo dos educandos, com o objetivo de chegar à experiência do pensamento do conceito, da

elaboração conceitual que é própria da Filosofia. Essas etapas são sensibilização, problematização, argumentação e conceituação. Vejamos, agora, em que consiste cada uma delas:

- a) Sensibilização – geração de um comprometimento afetivo dos educandos com o tema a ser trabalhado, a partir de produções culturais que correspondam ao universo dos educandos. É possível fazer despertar em cada um deles a motivação interna para a reflexão filosófica a partir de filmes, obras de artes plásticas, noticiários e programas de TV, notícias de jornais etc. Veremos, nos capítulos 3º a 5º, que a canção popular se destaca entre as produções culturais disponíveis, entre outros fatores, pela facilidade de acesso dos estudantes a esse tipo de manifestação artística.
- b) Problematização – elaboração do tema na forma de um problema, levantamento e identificação de problemas a partir dos resultados da sensibilização. Nessa etapa, os educandos podem ser confrontados com os problemas suscitados pelas diferentes impressões manifestas pelos educandos e suas implicações na realidade vivida por todos. Cabe ao professor propiciar esse salto da sensibilização para a problematização, por meio de uma cuidadosa mediação das contribuições dos educandos.
- c) Investigação – procurar, na tradição filosófica, diferentes maneiras de entender os problemas levantados. Com o auxílio do professor, os educandos podem dissecar os textos filosóficos, encontrando nos escritos dos filósofos os elementos necessários para compreender melhor os problemas que estão enfrentando. Assim, eles poderão reconhecer, passo a passo, as partes dos

textos e a forma como elas se articulam, podendo chegar à próxima fase, ou seja, à elaboração conceitual.

- d) Conceituação – deslocar a idéia, o conceito de um filósofo do seu contexto, e trazê-la para a o cotidiano, com o intuito de oferecer uma resposta, uma solução relevante para o problema investigado pelos educandos. Para Gallo, “[...] o fato de nós deslocarmos o conceito do texto do filósofo para a nossa experiência de pensamento significa já, de alguma maneira, uma recriação do nosso conceito, significa a reinvenção do conceito” (GALLO, 2007).

Realizadas as quatro etapas, os educandos terão exercitado sua capacidade de atenção, leitura, interpretação, argumentação, decisão, socialização, articulação de idéias e resolução de problemas, entre outras. O professor, nessa experiência, poderá identificar quais etapas foram melhor realizadas e, num processo de ação-reflexão-ação, terá condições de tornar essa ação educativa mais eficaz e adequada às necessidades e anseios dos educandos, conciliando-os aos objetivos político-pedagógicos que deram impulso à experiência do filosofar em sala de aula. Gallo nos dá um parâmetro interessante para avaliarmos a eficácia dessa experiência na prática:

Se o estudante consegue dar esse passo de, a partir de um problema que ele vive, visitar obras da história da filosofia e encontrar, nessas obras, conceitos que permitam pensar esse problema que ele está vivendo como um problema seu, e que ele consiga trazer esse conceito, tal como ele o encontrou num texto de Platão, num texto de Kant ou num texto de Hegel (para ci-

tar apenas alguns), para o seu próprio movimento de pensamento, significa participar da experiência filosófica. Significa desenvolver a experiência filosófica. (GALLO, 2007)

O sucesso da experiência filosófica consiste em verificarmos que os educandos puderam, cada um à sua maneira, partir de um problema vivido e, com o auxílio da tradição filosófica, pensá-lo como sendo deles próprios e encontrar nos textos dos filósofos o caminho para a compreensão desses problemas, no próprio movimento do pensar, reinventando os conceitos identificados na tradição filosófica a partir de sua transposição para a realidade do cotidiano por eles vivido.

2 A canção popular na experiência filosófica

Existem várias definições para a expressão “canção popular” e, para que possamos nos fazer entender, nós a apresentaremos como a justaposição dos conceitos de ‘canção’ e de ‘popular’. Assim, cabe-nos agora apresentar os conceitos anteriormente aludidos, no enfoque dado neste trabalho. No *Dicionário Aurélio*, a canção é descrita como “qualquer de vários tipos de composição musical popular ou erudita para ser cantada”. No *Dicionário de música Zahar*, trata-se de uma peça curta para voz solista, com ou sem acompanhamento instrumental. Em seu artigo *O campo sistêmico da canção*, Gil Nuno Vaz afirma que, no senso comum, entende-se por canção a reunião, em forma simples, de texto e música (VAZ, 2000). Já a definição de popular, no *Dicionário Aurélio*, é algo próprio do povo ou por ele feito. Assim, definimos por hora “canção popular” como “reunião de texto e música própria do povo”.

2.1 A canção popular e sua relevância para a experiência filosófica

Entre as muitas produções culturais existentes, a canção popular está cada vez mais acessível aos estudantes, nos CDs, DVDs, MP3 *players*, celulares com toques musicais e outros meios digitais de armazenamento de música. Além disso, o sucesso de produções cinematográficas direcionadas ao público adolescente, como *School of Rock*, *High School Musical* e de programas de TV brasileiros como *Raul Gil*, *Qual é a música?*, *Fama* e *Ídolos* são indicativos da relevância e do alcance da canção popular entre o público jovem. Além do público juvenil, os outros segmentos etários da população também apreciam bastante a canção popular, haja vista o sucesso e a audiência de vários cantores nos meios de comunicação social. Gallo, ao falar do uso da música como recurso estratégico de sensibilização para a experiência filosófica, diz: “A música me parece ser um dos elementos mais interessantes a serem utilizados nessa etapa de sensibilização” (GALLO, 2007). Com a utilização de um bom aparelho portátil, de custo bastante acessível tanto para o professor quanto para a comunidade escolar, pode-se promover a escuta das canções mais facilmente do que a apreciação das outras produções culturais.

Do ponto de vista do professor, é importante levar em consideração os critérios defendidos por Freire para a seleção de uma bibliografia de estudo, citados neste estudo, transpondo-os para o contexto das canções populares. Não é toda canção que desperta nos educandos uma motivação interna que os conduza para a reflexão filosófica. O fato de considerarmos uma determinada canção adequada para a reflexão sobre um certo tema filosófico não quer dizer que o seu uso será eficaz em sala de aula. Em geral, os professo-

res de Filosofia, por possuírem uma formação mais intelectualizada, tendem a escolher os gêneros musicais preferidos, influenciados por essa “intelectualidade”. Para Gallo, ainda que seja necessário introduzir elementos novos no processo ensino-aprendizagem para ampliar o universo cultural dos alunos, apresentar, logo de início, uma canção que não seja do universo cultural dos educandos pode ter um resultado desastroso para a experiência filosófica, podendo até gerar um afastamento em relação à disciplina. Segundo ele,

[...] é fundamental que essas músicas sejam do universo cultural dos estudantes. Então nós, professores de Filosofia, precisamos fazer um movimento de nos aproximarmos do universo cultural dos estudantes, conhecermos o tipo de música que eles ouvem, que são as músicas de seu cotidiano, e perceber se, nessas músicas que eles ouvem, nós conseguimos a partir delas colocar determinados problemas de natureza filosófica e, se conseguirmos, vale a pena então trabalhar com essas músicas para, do universo cultural deles, trazer o acesso a esse problema. (GALLO, 2007).

Assim, o professor de Filosofia deve fazer um movimento de aproximação na direção dos alunos, evitando uma abordagem preconceituosa e dando-lhes a possibilidade de serem contemplados em seu próprio universo cultural, do seu cotidiano. Assim, partindo de elementos “não-filosóficos” que sejam caros aos educandos, poderemos iniciar o processo que conduz à elaboração conceitual com “decência e boniteza de mãos dadas” (FREIRE, 1996, p. 32).

2.2 O uso da canção popular em sala de aula

A utilização das canções populares na experiência filosófica deve seguir alguns critérios para que não se comprometa a eficácia do processo ensino-aprendizagem. As instruções que se seguem baseiam-se em experiências que vivenciamos em sala de aula, entre 2006 e 2007. Não pretendemos determinar procedimentos como modelos a serem copiados ou seguidos, e sim partilhar as experiências concretas que, para nós, renderam os melhores resultados.

Para que a sensibilização ocorra da melhor forma possível, possibilitando o avanço para outras etapas da experiência filosófica, há elementos que devem ser levados em conta na preparação dessa etapa, sem os quais a eficácia do processo ensino-aprendizagem pode ficar prejudicada, quando se utiliza a canção popular em sala de aula:

- a) Escolher um repertório que seja próprio do universo cultural dos educandos, como já foi explicitado no tópico anterior, valorizando o gosto musical dos alunos e, assim, favorecendo um clima propício para as demais etapas da experiência filosófica em sala de aula. Deve-se evitar o uso de canções obtidas ilegalmente (cópias piratas), visto que essa prática é considerada crime e, portanto, poderá implicar sanções penais para o educador. Além do mais, trata-se de um mau exemplo que reforça a tendência generalizada de desrespeito à originalidade das obras artísticas e aos seus criadores;
- b) Recomendamos que a primeira escuta da canção seja feita sem a interferência de fatores externos. Para isso, é importante que o professor e todos os educandos façam

silêncio e que os alunos sejam conscientizados de que terão a oportunidade de comentar suas impressões após a execução da música.

- c) Após a primeira escuta, deve-se possibilitar a todos o acesso à letra da canção utilizada, seja transcrevendo-a no quadro negro, ditando a letra para os alunos copiarem ou disponibilizando fotocópias para os educandos, dando preferência para esta última opção, a fim de que o tempo da aula seja aproveitado da melhor forma possível;
- d) Quando se achar oportuno, acrescentar informações biográficas sobre o autor da canção e sobre o gênero musical ao qual ela pertence, de maneira que se possa ajudar os educandos na melhor compreensão do sentido daquilo que o artista tentou transmitir em sua composição musical;
- e) De posse da letra da canção e das informações adicionais fornecidas pelo professor, os educandos poderão fazer uma segunda escuta, mais atenta, acompanhando a letra e contextualizando-a no universo cultural em que ela foi produzida.

Respeitadas essas condições, é bastante provável que os educandos estarão sensibilizados e poderão prosseguir para as etapas seguintes da experiência filosófica, uma vez que conhecerão informações relevantes sobre o estilo musical, sobre a biografia do autor da canção e farão, cada um à sua maneira, a conexão entre essas informações e a sua própria visão de mundo. É possível que muitos que não gostavam da canção passem a gostar e outros que a apreciavam deixem de fazê-lo. Também haverá os que reforçarão a opinião que já possuíam, a partir da experiência filosófica vivenciada. Esses já são indicativos de que a ação foi bem sucedida.

The use of popular music in the philosophical experience in classroom

The return of the Philosophy as a compulsory class in the school curriculum of high school have originated an intense debate about what and how to teach Philosophy in classes of public schools. The lack of didactic material and the difficult of university ideas in reaching the public, especially the young students, constitute an obstacle to teachers. The present study intends to analyze the possibilities and implications of the use of Brazilian popular songs as tools for Philosophy classes. For this purpose, we used the contribution of several educators, particularly the group who developed the method of “philosophical experience in the classroom”. We brought some examples of using popular songs like a way of starting the philosophy experience in the classroom. The popular song, used as a resource of sensitization “to prepare” students for these experiences, has a great possibility to bring philosophic questions to the everyday of its listeners. The teacher, which considers these questions, can develop the teaching process by a funny, pleasant, happy way for all the students.

Key words: Brazilian popular music. High school. Philosophy.

Referências

- ASPIS, R. P. L. *O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica*. Ensino de Filosofia. Cad. Cedes, Campinas, v. 24, n. 64, p. 305-320, 2004.
- BARBOSA, A. M. *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*. 3. ed. Rev. ampl. São Paulo, SP: Cortez, 2001.
- FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 11. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.
- GALLO, S.; FAVARETTO, C. F.; ASPIS, R. P. L. *Filosofia no Ensino Médio - 1. Experiência Filosófica*. 2007. (videoaula).
- GALLO, S.; FAVARETTO, C. F.; ASPIS, R. P. L. *Filosofia no Ensino Médio: 2. Elementos didáticos para a experiência filosófica*. 2007. (videoaula).
- GALLO, S.; FAVARETTO, C. F.; ASPIS, R. P. L. *Filosofia no Ensino Médio: 3. A história da filosofia e os textos na experiência filosófica*. 2007. (videoaula).
- GALLO, S.; FAVARETTO, C. F.; ASPIS, R. P. L. *Filosofia no Ensino Médio: 4. Procedimentos didáticos na aula de filosofia*. 2007. (videoaula).
- SEVERINO, A. J. *A filosofia na formação do jovem e a resignificação de sua experiência existencial*. In: Walter Kohan. (Org.). *Ensino de Filosofia: perspectivas*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 183-194, 2002.
- VAZ, G. N. *O campo sistêmico da canção*. Revista Opus, Campinas: v. 7, 2000.
- ZAHAR, J. (Ed.) *Dicionário de música Zahar*. Coordenação de Luis Paulo Horta, Editora Zahar, RJ, 1985.